

Bora pra escola

Janeiro é o mês de matrículas das redes municipal e estadual de ensino. Após dois anos de pandemia, com números altos de evasão escolar, é hora de recuperar o tempo perdido e voltar às salas de aula. **PÁGINAS 8 E 9**

Como se proteger da epidemia de gripe

PÁGINA 3

Dicas para retirar documentos como identidade e CPF

PÁGINAS 12 E 13

Irmãos da Praia de Ramos trilham o caminho do futebol

PÁGINAS 14 E 15

MATHEUS AFFONSO



Na ponta dos pés

Determinada, disciplinada, focada e talentosa: é assim que amigos descrevem a pequena Lays Barbosa, bailarina mareense que foi aprovada para a Escola do Teatro Bolshoi e busca ajuda para dar os próximos saltos.

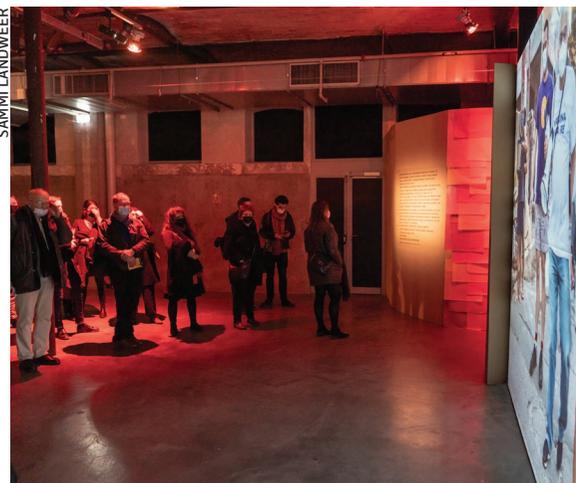
PÁGINAS 4 E 5

Maré em Paris

A exposição *Viva Maré* e o espetáculo *Encantando* da Escola Livre de Dança ocupam espaços nobres de Paris dentro da programação oficial da homenagem à coreógrafa Lia Rodrigues, diretora da companhia que funciona no Centro de Artes da Maré.

PÁGINA 6

SAMMI LANDWEER



EDITORIAL

A primeira edição do importante e potencialmente conturbado ano eleitoral de 2022 do Maré de Notícias destaca um chamado essencial: é hora de voltar para a sala de aula. A evasão escolar tem causado preocupação, especialmente no contexto das favelas. Fica nosso reforço de que o caminho da educação, mesmo em contextos desafiadores, ajuda a expandir fronteiras e aumenta o espectro das oportunidades.

Dentro ou fora da Maré, a epidemia de gripe acendeu — mais uma vez — o alerta da saúde na capital fluminense. Na matéria do Laboratório Conexão UFRJ traçamos um panorama da situação da influenza no Rio de Janeiro e as precauções que precisam ser tomadas para evitar a infecção.

Nas páginas 4 e 5, a repórter Gracilene Firmino destaca a ciranda da bailarina mareense de apenas dez anos, cujo talento nato e a paixão pela dança a conduziram à aprovação para a Escola do Teatro Bolshoi. A matéria de Hélio Euclides, que ocupa as páginas 10 e 11, analisa a situação e a escassez das agências bancárias na Maré, enquanto o texto de Edu Carvalho nas páginas 12 e 13 aborda os desafios impostos pela invisibilidade causada pela falta de documentos. Ambos os textos têm em comum a reflexão sobre a importância da efetivação dos direitos.

A Maré que se mostra em Paris, a Maré da realização dos sonhos no futebol, a Maré muito além do noticiário policial... Esse é apenas o início da caminhada de 2022 e esperamos que nossa mensagem siga firme: celebramos a potência de todas as marés dentro da Maré.

CHARGE - NANDO MOTTA



Nando Motta

HUMOR

No bar do Luciano, em Marcílio Dias, um cliente elogiava o espaço. "Gosto muito daqui porque, quando chove, não me molho." Todos os presentes ficaram sem entender. O cliente afirmou que tinha ido a um bar na Espanha, na Europa, que funcionava sem cobertura. E completou: "Nunca vá a 'Barsemlona!'"

ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESTE
ESPAÇO É SEU!

contato@maredenoticias.com.br

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da **maré**

PARCERIA:

actionaid

MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Campanha Climão
Casa Preta da Maré
Centro de Artes da Maré
Espaço Normal

EDITORA EXECUTIVA E
JORNALISTA RESPONSÁVEL

Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

EDITORES

Edu Carvalho

Tamyres Matos

(Mtb 32434/RJ)

COORDENADORES DE
DISTRIBUIÇÃO:

Arthur Viana

Henrique Gomes

Luiz Felipe de Oliveira
Bacelar

DISTRIBUIDORES:

Antônia Valéria Lins e Silva

Cristiane dos Santos

Jonathan Ribeiro Da Cruz

Lucas Frederico Brandão

Leonardo da Silva

Marcela Ferreira Silva Gomes

Marcelo Sergio Silva Braz

Pedro de Oliveira

Valdemir Gomes da Cunha
Júnior

COLABORARAM NESTA
EDIÇÃO

Data_Labe
Edu Carvalho
Gracilene Firmino
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)

Tamyres Matos
(Mtb 32434/RJ)

FOTOGRAFIA

Douglas Lopes
Matheus Affonso
Sammi Landweer

REVISÃO

Julia Marinho

PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque gráfico da Infoglobo

TIRAGEM

50 mil exemplares
OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO
REPRESENTAM A OPINIÃO
DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO
DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA
A FONTE.

Acompanhe o **Maré de Notícias** na internet!



@maredenoticiasoficial



@maredenoticias



@MareNoticias



(21) 97271-9410



contato@maredenoticias.com.br



www.mareonline.com.br

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@maredenoticias) ou ainda pelo email contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

Epidemia de gripe: como se proteger

Segundo a Fiocruz, crianças de até 9 anos são o grupo mais atingido pela epidemia

BIANCA OTTONI, FLAVIO HERCULANO, JORGE MELO E STHEFANI MAIA

No fim de dezembro, a cidade do Rio de Janeiro contabilizou mais de 23 mil casos da gripe do vírus influenza H3N2, situação tratada como epidemia. O relaxamento no uso de máscaras (que ajuda a prevenir infecções respiratórias, juntamente com o distanciamento social) foi o que fez com que uma cepa, identificada na Austrália há seis meses e contra a qual o imunizante oferecido nos postos não tem efeito, se alastrasse pelo Rio e por São Paulo. Além disso, a campanha contra a gripe de 2021, até setembro, vacinou apenas 78% da população acima dos seis meses de idade — o ideal é que esse número ultrapasse os 90%.

O maior problema é que, além de a proteção que a vacina oferece decair em seis meses (quando a campanha de vacinação contra a gripe foi lançada), o imunizante distribuído nos postos no início deste ano não foi projetado para combater justamente a chamada variante Darwin. Todos os anos, a Organização Mundial da Saúde (OMS) escolhe dois subtipos do vírus da influenza A (um do tipo H1N1 e outro, do H3N2) e duas cepas do vírus da gripe influenza B (as linhagens Victoria e Yamagata) como aquelas que estarão na vacina usada no mundo todo. Este ano, a enti-

dade elegeu outra cepa do influenza vírus H3N2: a Hong Kong, identificada em 2020 — a vacina contra a cepa australiana só estará pronta em cerca de dois meses ou mais.

A epidemia na Maré

A situação nos postos de saúde da Maré reproduz o que vem acontecendo em toda a cidade. “Estamos atendendo muito mais gente com gripe do que com covid-19. No início da epidemia (da gripe) abríamos o posto e já havia 18, 20 pacientes para cada uma das oito equipes”, conta a enfermeira **Sara Mançano**, que trabalha na Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva.

A falta de doses, aliada ao aumento da procura da vacina nos postos, agravou a situação. Segundo a enfermeira, na segunda semana de dezembro a equipe vacinou, em média, 400 pessoas por dia. Sara acredita que a pandemia do coronavírus desviou a atenção das outras doenças e a gripe, por se tratar de uma doença com menor letalidade, foi deixada de lado.

“Esse tumulto poderia ter sido evitado”, afirma uma agente de saúde da Jeremias, que preferiu não se identificar. “Quando a campanha começou em abril, fomos até a população, para a rua, montamos tendas, chamamos as pessoas para se vacinarem e eram pouquíssimas as que vinham.”



Nas unidades de saúde da Maré, os atendimentos para casos de gripe superaram os de covid-19

Em outubro, a secretaria municipal da Saúde realizou o *Dia D* da Campanha de Multivacinação, quando clínicas da família, UPAs e centros municipais de saúde fizeram um mutirão para imunizar todos aqueles com a vacinação atrasada.

Fora de época

O Boletim InfoGripe da Fiocruz, divulgado na segunda semana de dezembro, mostrou que esse tipo de ocorrência é inesperada porque as epidemias de gripe costumam acontecer entre os meses de abril e julho, ou seja, na passagem do outono para o inverno. “Essa circulação de H3N2 no Rio é extemporânea, o que demonstra para a gente o quanto a pandemia do coronavírus mexeu com a dinâmica das viroses respiratórias em geral”, disse o pesquisador da Fiocruz Fernando Motta ao portal de notícias *GI*.

Para evitar a gripe, os cuidados são os mesmos

para não ser contaminado pelo vírus da covid-19: higienizar bem as mãos, usar máscaras e evitar aglomerações. Fique em repouso e isole-se em caso de identificar sintomas gripais, como febre, tosse, espirros e dor no corpo.

A prefeitura mantém cinco polos de atendimento e testagem de pacientes com suspeitas de gripe. São eles: Policlínica Manoel Guilherme da Silveira Filho (Bangu); Unidade Ambulatorial Almir Dutton (Campo Grande); Policlínica Rodolpho Rocco (Del Castilho); Vila Olímpica Felix Miele Venerando (Honório Gurgel); Parque Olímpico (Barra da Tijuca); e Vila Olímpica do Alemão (Ramos). Os centros abrem de segunda a domingo, das 8h às 17h, assistindo pessoas com sintomas como febre, calafrios, tosse, coriza, dor de garganta e de cabeça, alterações no olfato e paladar, além de testar pacientes com suspeita de covid.

Um sonho na ponta dos pés

Determinada a ser bailarina profissional, a pequena Lays Barbosa precisa de ajuda para desfrutar da vaga que conquistou na Escola de Teatro Bolshoi



MATEUS AFFONSO

Lays Barbosa foi aprovada, entre mais de mil crianças, para estudar balé em uma das maiores instituições do mundo: a Escola do Teatro Bolshoi
GRACILENE FIRMINO

Descobrir a própria vocação a qualquer momento da vida é um privilégio e a pequena **Lays Barbosa** é daqueles casos em que o talento inato acelera esse processo. A menina, de apenas dez anos, já escolheu seu rumo na vida: ser bailarina profissional, e os primeiros passos para a realização desse sonho já foram dados. Lays foi aprovada, entre mais de mil crianças, para estudar balé em uma das maiores instituições do mundo, a Escola do Teatro Bolshoi. Cria do conjunto de favelas da Maré, a menina vai mudar de vida mas, para isso, precisa de ajuda.

Determinada, disciplinada, focada e talentosa: é assim que amigos descrevem a pequena bailarina. Lays começou a estudar balé com oito anos, mas sua mãe percebia o interesse da menina em dançar desde que a pequena contava com apenas qua-

tro anos. Chegou a fazer algumas aulas em uma academia de dança, mas foi no Centro de Assistência e Desenvolvimento Integral (Cadi) na Maré que ela pôde se dedicar integralmente à dança. O Cadi existe desde 2016 e, hoje, conta com seis turmas de balé com cerca de 15 alunos, cada uma. Dentre os mais de 90 estudantes, a pequena nascida e criada em Capivari, no Morro do Timbau, se destacou: Lays se desenvolveu muito rapidamente dentro do projeto.

“Em seu primeiro ano de aulas aqui com a gente, já fez um solo na apresentação de fim de período, antes das festas. E o que a Lays tem não é apenas talento. Ela é muito dedicada, disciplinada, aplicada e estudiosa. Assistia mais de uma aula, demonstrava um interesse verdadeiro pela dança”, conta **Jennifer Rodrigues**, professora de balé da menina.

Foi ela quem ajudou Lays a se preparar para os testes. “Ela ficava horas aqui (no Cadi) comigo para ensaiar, se aperfeiçoar e podermos gravar o vídeo que a seleção exigia.”

Gosto pela arte

Lays tem uma rotina atribulada: todos os dias, acorda cedo para ir à escola, e volta para casa apenas para tomar banho e sair novamente para as aulas de balé. Às segundas e quartas ela tem aula

no Cadi, das 16h às 18h. Terças, quintas e sextas a menina estuda balé no Centro de Artes do Méier – o que a obriga a sair de casa às 15h30m, mesmo com as aulas começando às 17h. Às 20h é hora de a pequena bailarina voltar para casa, onde chega às 21h30. “Às vezes ela vem quase dormindo, não consegue nem mesmo jantar direito”, conta **Daiane Barbosa**, mãe de Lays. A programação agora ficou ainda mais intensa: a menina começou a fazer aulas de balé aos sábados.

Mas na vida de Lays também há espaço para momentos de descontração. “Gosto muito de ficar nas redes sociais, vendo vídeos, principalmente os de balé, claro. Gosto de brincar na rua, ficar com meus amigos, ir à praça. Também amo séries e filmes com o tema de dança e balé: são os que eu mais assisto”, diz Lays, sorrindo. Tímida, mas expressiva e articulada, quando perguntada sobre sua referência na arte que tanto ama, a menina é clara e direta. “Ana Botafogo!”, responde.



MATEUS AFFONSO

Lays passou a se dedicar integralmente à dança no Centro de Assistência e Desenvolvimento Integral (Cadi) na Maré



Do Morro do Timbau para Joinville, a pequena bailarina segue com a família em busca dos seus sonhos

A seleção para o Bolshoi

A Escola do Teatro Bolshoi no Brasil funciona desde março de 2000 na cidade de Joinville, Santa Catarina, na região Sul do Brasil. É a única filial do tradicional Teatro Bolshoi de Moscou, na Rússia; por isso, seus alunos vêm de todas as partes do Brasil e do mundo. Com professores russos e brasileiros, a instituição forma bailarinos profissionais com a mesma precisão técnica e qualidade artística aplicados em sua sede na Rússia. O grupo de professores da escola na parte de dança e preparação física é formado por três russos e dez brasileiros. A instituição trabalha com o Método Vaganova, um conjunto de técnicas para o ensino do balé criado pela pedagoga Agrippina Vaganova.

A Bolshoi brasileira realiza seleção anual para novos alunos, com avaliações médicas e artísticas específicas. São disponibilizadas vagas para os cursos técnicos e básicos da instituição, todas com bolsas de estudo 100%.

Este ano, foram mais de mil inscritos; todos enviaram vídeos em que se apresentavam fazendo exercícios, o que serviu para a escola fazer uma pré-seleção dos candidatos. Cerca de 200 crianças passaram para a etapa presencial (40 foram selecionadas para a bolsa de estudos), que aconteceu entre os dias 5 e 6 de novembro. Daiane conta como foi para a pequena bailarina encarar todas as fases, e lembra que fez de

tudo para que a filha chegasse aonde chegou.

“Eu já estava de olho nas redes sociais da Escola Bolshoi há um tempo, esperando as inscrições para a seleção anual. Quando abriram, logo falei com a professora de balé da Lays, a Jeniffer, para ela me ajudar com tudo que fosse necessário. Foi preciso pagar uma taxa de inscrição de R\$ 25. No começo, nem cheguei a contar para a Lays que ela estava inscrita porque era uma coisa que ela queria muito e sabíamos que isso geraria muita ansiedade nela. A Jeniffer ajudou muito para que tudo acontecesse, principalmente na parte do vídeo, em que eles pediam que as crianças fizessem alguns movimentos.”

Quando Lays foi aprovada para a etapa presencial, a animação tomou conta de Daiane – e com ela, a preocupação com os gastos. “Fizemos uma rifa para pagar as passagens para Santa Catarina, para que a Lays pudesse fazer os testes. Ficamos quatro dias lá.” Nessa etapa, as crianças, entre 8 e 11 anos, foram avaliadas para as bolsas através de provas de português, matemática e conhecimentos gerais, além de testes físicos e avaliações médicas. “Pegavam a minha perna, alongavam, mandavam fazer algumas posições de balé”, conta Lays, que acabou contemplada com uma bolsa de estudos, juntamente com cinco crianças moradoras de favelas do Rio de Janeiro.

Necessidade de apoio

Além de balé, a Escola Bolshoi oferece aos alunos outros benefícios, como alimentação no local, transporte para ir às aulas e equipamentos e uniformes de prática (sapatilhas, malha, meia-calça, mochila etc). Também são fornecidos gratuitamente uniformes escolares de verão e inverno, figurinos, orientação pedagógica, assistência odontológica preventiva, atendimento fisioterápico, nutricional e assistência médica de emergência/urgência pré-hospitalar. Ao todo, a formação da Escola do Teatro Bolshoi dura oito anos e, mesmo diante da estrutura e do apoio oferecidos pela instituição, alunos como Lays precisam de ajuda para se mudar para Joinville.

A pequena bailarina sairá do Morro do Timbau rumo à Santa Catarina, juntamente com a mãe e o irmão mais novo de quatro anos, em busca de seus sonhos e para construir uma nova vida no sul do país. A família de Lays vai precisar custear passagens aéreas, moradia e alimentação, entre outros gastos, já que Daiane vai precisar de tempo até se estabilizar e conseguir trabalho na nova cidade. Ela e Jeniffer estão arrecadando online os recursos para a família se mudar em janeiro e custear os gastos dos primeiros seis meses em Joinville. A meta é conseguir R\$ 15 mil, e qualquer ajuda é bem-vinda: <https://www.vakinha.com.br/vakinha/lays-barbosa-no-bolshoi>

Daiane está determinada a fazer realizar não apenas o desejo de vida da filha como o seu próprio. “Eu também estudei balé na infância. É uma arte que sempre admirei e amei. Não vou soltar a mão dela, é o sonho de vida da minha filha”, diz. Lays, por sua vez, não vê a hora de chegar o dia 3 de março de 2022, quando as aulas na Bolshoi começam. “Fiquei muito feliz e estou ansiosa. Eu amo dançar. Quero ser bailarina profissional e ajudar outras crianças a realizar o mesmo sonho”, conta a menina, com brilho nos olhos.

Festival de Outono de Paris homenageia a Maré

Exposição e espetáculo de dança mostram ao mundo 20 anos de parceria entre a Redes da Maré e a coreógrafa Lia Rodrigues

Parceiras há quase duas décadas, a Redes da Maré e a coreógrafa Lia Rodrigues celebraram a colaboração mútua levando um pouco das 16 favelas da Maré para Paris. A companhia de dança, que funciona no Centro de Artes da Maré, estreou seu novo espetáculo *Encantado* em dois dos principais palcos de dança da capital francesa (o Théâtre National de Chaillot e o centro cultural Centquatre-Paris) com a aclamação de público e crítica.

Ao mesmo tempo, a exposição *Viva Maré – Lia Rodrigues e Redes da Maré* apresentou as 16 favelas que compõem os territórios e as ações da Redes da Maré, também no Centquatre-Paris, por meio de uma experiência multisensorial. A mostra também dá destaque aos projetos emblemáticos dos cinco eixos de trabalhos da entidade, incluindo a campanha *A Maré diz NÃO ao Coronavírus*. “Foi uma experiência singular para o público francês poder entender como a Redes reagiu imediatamente à crise sanitária com ações, ao mesmo tempo em que acontecia a criação de *Encantado*. Contextualizar isso tudo foi muito importante, porque abriu novos entendimentos sobre o trabalho da Redes e também sobre a obra da Lia Rodrigues”, diz **Eliana Sousa Silva**, fundadora e diretora da entidade.

A programação foi o ponto alto e final da homenagem prestada pelo tradicional Festival de Outono de Paris ao trabalho da coreógrafa brasileira, que, por sua vez, decidiu que a festa deveria incluir amigos e parceiros, com destaque especial para a Redes da Maré. “A Maré é parte importante do meu trabalho, tendo me transformado como pessoa, como artista e como cidadã. Ali encontrei pessoas e projetos que me fazem ter vontade de existir. Tudo que a Redes da Maré faz tem excelência e mostra a potência da favela. Por isso, a importância de divulgar seus projetos e ações para muito além do Rio de Janeiro”, diz **Lia Rodrigues**.

Outra parte importante da exposição *Viva Maré* foi o diálogo com o público francês por meio de oficinas de arte — azulejos, som e móveis — especialmente ministradas por artistas

SAMI LANDWEER



Um dos destaques da exposição *Viva Maré* foi o diálogo com o público francês por meio de oficinas de arte com materiais diversos

mareenses. Tendo como tema-disparador a pergunta *O que me faz ter vontade de existir?*, as oficinas de arte propuseram um encontro artístico e territorial entre os moradores da Maré e o público do Centquatre-Paris.

Numa outra sala, com curadoria de Geisa Lino, foi possível vivenciar um baile da Nova Holanda (foi oferecida uma aula de hip-hop em vídeo com o professor Renato Cruz, da Escola Livre de Dança na Maré) através de uma playlist repleta do melhor funk, especialmente criada pelo DJ Renan Valle, e das imagens captadas pelo fotógrafo Douglas Lopes. Antes de entrar

na sala, o visitante, através de texto de apresentação escrito por Pâmela Carvalho, era introduzido na magia dos bailes do território. A exposição *Viva Maré* teve curadoria da jornalista e pesquisadora Adriana Pavlova e da arquiteta e artista Laura Taves, que também assina projeto de exposição junto com o artista plástico João Rivera. Já o projeto sonoro teve concepção de Rodrigo Maré e Rafael Rocha.

Encantado é a sétima obra concebida pela companhia de Lia Rodrigues na favela da Maré. O sonho agora é que tanto o espetáculo como a mostra *Viva Maré* cheguem ao Centro de Artes da Maré este ano.



QUE IDEIA DE ENCANTAMENTO DISPAROU A NOVA OBRA?

Lia Rodrigues: Sempre começo uma criação com livros; as leituras me movem. Um deles foi o *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior, que fala de um “encantado”, e depois, outros

livros, como *Une ecologie décoloniale* [Uma ecologia descolonial] de Malcom Ferdinand, e *Vivre avec le trouble* [Convivendo com a desordem], de Donna Haraway. Pensamos em criar seres humanos e não humanos e colocá-los em relação. Colecionamos imagens e fomos trabalhando com elas. Uma é a de um morador de rua embrulhado num cobertor; dela surgiu a ideia de trabalharmos com cobertores e de como eles poderiam ajudar a criar esse território. Começamos com apenas um cobertor e hoje, são 140 em cena.

DOS 11 BAILARINOS NA FORMAÇÃO ATUAL DA COMPANHIA, CINCO SÃO MORADORES DA MARÉ. O QUE A PRESENÇA DELES TROUXE PARA A DANÇA?

Lia Rodrigues: Cada artista com quem trabalho impacta minha maneira de ver o mundo e de coreografar. Cada um traz um universo de ideias, pensamentos, modos de se mover, de ver o mundo, de estar na vida. É muito enriquecedor e, ao mesmo tempo, complexo estarmos juntos e encontrarmos um caminho comum.

O outro lado da história

Pesquisadora mostra que a partir dos anos 1990 o jornalismo reduziu a narrativa sobre a favela aos casos de polícia



CARLA BAIENSE FELIX

Carla Baiense Felix é jornalista, professora e doutora em Comunicação e Cultura nascida e criada na Maré.

Há mais de 15 anos, pesquiso a forma como as favelas são representadas nos veículos impressos do jornalismo comercial do Rio de Janeiro. Enquanto jornalista e pesquisadora, queria entender os impactos desta maneira particular de apresentar estes territórios sobre o cotidiano de seus moradores. Enquanto moradora, eu já conhecia, em parte, essa resposta. Explico: antes de se tornar o tema da minha pesquisa, a favela foi minha casa. No Parque União, onde nasci e cresci, observava que os jornalistas só entravam para registrar a morte de “mais um bandido”. Acho mesmo que meu incômodo com essa redução da favela a uma mera questão de polícia me empurrou para o jornalismo, onde esperava poder contar o outro lado dessa história.

Mas entre a percepção do problema e o diagnóstico de suas causas

existe a investigação. Assim, reuni e organizei por temas uma amostra com quase 800 reportagens publicadas em dois jornais cariocas, *O Globo* e *Jornal do Brasil*, entre os anos de 1984 e 2010. O que descobri? Uma associação entre favela e violência tão recorrente que o foco da minha observação se deslocou: já não pesquisava a favela na imprensa, mas a criminalidade urbana nas páginas de jornal. A partir dos anos 1990, mais de 80% de todos os textos da minha amostra que traziam a palavra favela se referiam a eventos ligados à violência.

Neste conjunto de reportagens, um episódio em especial me chamou atenção: a cobertura de um confronto na Favela do Coroadó, em Acari, na Zona Norte do Rio, em 28 de setembro de 1993. A matéria principal recebeu no jornal *O Globo* o título de “A batalha de Acari”. Ali surgiam os primeiros elementos de uma forma particular de narrar eventos nas favelas. Foi nesta reportagem, ilustrada por fotos dramáticas de pessoas fugindo em meio à fumaça, incluindo uma mãe com o filho nos braços, que encontrei pela primeira

vez a palavra que viria a ser muitas vezes usada em coberturas deste tipo: guerra.

Na década seguinte, a “Guerra do Rio” se tornou não apenas uma expressão, mas uma marca visual usada sempre que se noticiava um confronto em favelas cariocas. Cabe perguntar, sem dúvida, o que significa naturalizar a ideia de que há uma guerra no Rio, colocando em campos opostos a favela e a “cidade”. Para quem mora na favela, os efeitos estão por todos os lados. A violação de direitos pelo Estado que deveria protegê-lo e o descaso com suas reivindicações são vistos como efeitos colaterais desta guerra.

Em mais de 30 anos de cobertura policial, os jornais repetem a fórmula que associa a violência à favela, reduzindo a vida nestes territórios a uma representação estereotipada, que não contempla a diversidade de experiências e a potência de seus moradores. Vale lembrar que um estereótipo não é apenas uma visão distorcida de pessoas ou grupos. Ele é também uma visão engessada. Ao repetir o discurso de que a favela é fonte de violência, a imprensa fixa

os sentidos ligados a ela, legitimando violações aos direitos fundamentais dos cidadãos e cidadãs que habitam esses territórios. Expressões como “bunker de bandidos”, que ainda hoje são utilizadas no noticiário, expressam essa naturalização de que estamos falando.

Várias pesquisas no campo da comunicação mostram que o jornalismo é bastante eficiente em influenciar o debate político. Ao incentivar uma cultura do medo à favela e defini-la como fonte de violência, ele contribui para uma agenda política que enxerga esses territórios como um problema a ser, no mínimo, contido, e preferencialmente, eliminado.

É certo que a imprensa não criou todos os problemas que os moradores de favela enfrentam, mas ela precisa fazer parte da solução. Enquanto o jornalismo continuar a reduzir a favela a uma questão de polícia, as políticas públicas voltadas a ela continuarão a se concentrar em “soluções” pautadas pela repressão e pela força — legitimada pela opinião pública e pela liberdade de expressão.

Pandemia e educação: o que esperar da retomada em 2022

De acordo com estudo sobre os impactos da epidemia global no ensino, 5,1 milhões de estudantes perderam o vínculo escolar em 2020

GRACILENE FIRMINO

O vírus da covid-19 não diferencia nem privilegia quais seres humanos ele vai infectar, mas as consequências de sua ação produziram um impacto sentido com muito mais intensidade pelos mais pobres. Se para muitos a educação chegou pela internet, para milhares ela foi a grande ausência nesses quase dois anos de pandemia — nas escolas fechadas, nos dispositivos antigos e sem memória suficiente, na internet instável.

Andréia Martins, membro da direção que acompanha o Eixo Educação na Redes da Maré, lembra que apenas 36,7% dos domicílios da Maré têm internet: “Mesmo entre as famílias que tinham rede, os pacotes de dados eram, na maioria das vezes, insuficientes para chegar até o fim do mês. Professores relataram ter que adaptar as atividades, já que vídeos e participação em aplicativos de reuniões requerem uma qua-



Para especialistas, o ensino remoto aprofundou as desigualdades sociais por conta do limitado acesso à internet e a dispositivos

lidade melhor da internet.”

Segundo Andréia, o ensino remoto aprofundou as desigualdades. “Desde o início da pandemia, as dificuldades para a continuidade do processo educativo de estudantes pobres, moradores de favelas e periferias, têm sido enormes. Muitas famílias só dispõem de um celular, que é utilizado pelo adulto ao longo do dia, só estan-

do disponível para o aluno estudar à noite.”

Não apenas os estudantes sofreram com a adaptação. “As dificuldades atingiram tanto as famílias quanto os profissionais de educação, que lutaram para manter o vínculo do aluno com a escola e a continuidade do processo educativo”, afirma.

Ano de incertezas

Andréia conta que, mesmo com dificuldades, estudantes da Maré chegaram a frequentar as aulas presenciais. “Os anos da pandemia foram de muitas incertezas quanto ao retorno, anunciado inúmeras vezes e depois, cancelado por conta da dificuldade de controle da doença. A volta foi gradativa e algumas escolas da rede municipal na Maré conseguiram retornar no formato híbrido em março de 2021. O momento tem sido de adaptação, de cuidados sanitários redobrados, de busca ativa de

estudantes que não retornaram à sala de aula. Nesse processo, vale ressaltar que as escolas da Maré não têm muitas fragilidades em relação à infraestrutura dos prédios.”

Os professores tiveram papel fundamental na luta por manter as aulas e o vínculo com os alunos. **Viviane Couto**, que é professora da rede pública de ensino e dá aulas na Escola Municipal Olimpíadas Rio 2016, na Maré, fala sobre as dificuldades. “Foi bem difícil retornar ao presencial. O protocolo é muito bonito no papel, mas no dia a dia sofremos para dar conta de tudo, o pedagógico, a burocracia e a saúde de todos”, conta.

A educadora fala das particularidades da escola em que leciona. “Quando retornamos ao presencial, as aulas transcorreram normalmente, com conteúdos, projetos, avaliações individuais, integradas, e avaliações externas. Além disso, promovemos uma



O aviso na entrada de uma das escolas da Maré mostra aos estudantes os cuidados sanitários a seguir

Busque a escola mais próxima e garanta já sua matrícula!

BORA PRA ESCOLA!
É hora de voltar



Arte promocional da campanha *Bora pra escola!*, que tem como objetivo convencer estudantes a retornarem ao ambiente escolar

rigorosa busca ativa por estudantes que se afastaram. Não havia nenhuma orientação de aprovação automática, o que nos pegou de surpresa. Mas nossa escola fez um trabalho sério durante todo o ano. Reprovar nunca é uma meta; o problema é sempre a falta de diálogo”, diz Viviane.

O que diz a Prefeitura

Atualmente, 16.491 alunos são atendidos em 45 escolas da Prefeitura no conjunto de favelas da Maré. Em nota, a Secretaria Municipal de Educação (SME) informou que pretende implementar uma série de projetos. Além disso, “os alunos que acompanharam as aulas de forma virtual ou presencial em 2021 não serão reprovados por nota, somente por frequência. No entanto, essa não é uma aprovação automática. O Rio optou por um modelo de priorização curricular,

que é uma forma de retornar no ano seguinte habilidades que não foram trabalhadas o suficiente e são necessárias para o seguimento do aprendizado. Essa medida é aplicada em situações de emergência e é aprovada pela Unesco.”

A Prefeitura anunciou ainda projetos como o Carioca I e II e o Travesia, além do reforço escolar que deve acontecer no contraturno escolar (período oposto ao que o aluno frequenta a escola). Serão cinco horas semanais de reforço para 75 mil alunos com defasagem na aprendizagem, com o apoio de professores e estagiários em aulas presenciais ou remotas, e planos individualizados elaborados pelo professor a partir das avaliações diagnósticas.

Já os projetos Carioca I e II são estratégias de correção de fluxo de aprendizado que buscam atender estudantes que apresentaram defasagem em idade/

ano escolar. “Para 2022, serão abertas vagas para atender também alunos do Carioca I, que são aqueles do 6º e 7º anos. O Carioca I é voltado para estudantes entre 13 a 15 anos e o Carioca II, para jovens entre 14 e 16 anos”, diz a nota.

Quanto ao Projeto Travesia, ele é “uma estratégia que visa atender estudantes que chegaram ao 6º ano do Ensino Fundamental ainda com dificuldades de aprendizagem do primeiro ciclo. O projeto oferecerá material elaborado exclusivamente para esses alunos que apresentaram baixo desempenho nas avaliações de leitura e escrita”.

Bora pra escola!

A evasão escolar tem preocupado as organizações sociais e as autoridades de educação. Segundo o estudo *Cenário da Exclusão Escolar no Brasil - um Alerta sobre os Impactos da Pandemia da Covid-19 na Educação*, em 2020, 5,1 milhões de crianças e adolescentes perderam o vínculo escolar. Os motivos podem ser muitos, desde a necessidade de trabalho, para que os jovens consigam ajudar a família, quanto por medo de reprovação, por não se sentirem capacitados ou até mesmo por não terem quem leve uma criança pequena para as aulas.

Nesse cenário de recuperação após o avanço da vacinação, foi lançada a campanha *Bora pra Escola!*, pelo Centro de Referências em Educação Integral. O objetivo é mobilizar estudantes que abandonaram a escola durante a pandemia a voltarem para a escola. Mais de 30 organizações sociais de todo o Brasil se uniram nessa mobilização.

MATRÍCULAS 2022

As matrículas para a rede municipal de ensino já estão abertas. Alunos que encerraram normalmente o ano letivo de 2021 foram automaticamente matriculados para 2022, cabendo aos pais acessar o site da Prefeitura apenas se quiserem transferir o aluno de unidade.

FIQUE ATENTO PARA NÃO PERDER AS DATAS.

 Fundamental I e II e Programa de Apoio aos Sistemas de Ensino para Atendimento à Educação de Jovens e Adultos (Peja) para transferência interna: de **6 a 10 de janeiro**.

 Pré-escola, Fundamental I e II e Peja para alunos novos: de **13 a 17 de janeiro**.

As matrículas devem ser feitas no site da Prefeitura: <https://matricula.rio>

ANO LETIVO DE 2022

1º Bimestre 2022	2º Bimestre 2022	3º Bimestre 2022	4º Bimestre 2022
Equivalente ao 1º semestre do ano de 2021	Equivalente ao 2º semestre do ano de 2021	Equivalente ao 1º semestre do ano de 2022	Equivalente ao 2º semestre do ano de 2022

A previsão é de que as aulas nas escolas do município retornem, a princípio de forma presencial, no dia 7 de fevereiro.

Agências bancárias ainda distantes da Maré

Loterias são a solução para transações financeiras na favela

HÉLIO EUCLIDES

Em Bonsucesso existem duas agências bancárias do Bradesco, três do Santander, duas da Caixa Econômica Federal (CEF) e cinco do Itaú, sem contar a localizada na Avenida Brasil. Contudo, na Maré os únicos bancos que existem são os das praças. Para ajudar os moradores, há alguns caixas eletrônicos do Banco 24 Horas; em setembro, foi inaugurada a segunda agência lotérica.

Segundo dados da pesquisa *Economia das Favelas — Renda e Consumo nas Favelas Brasileiras*, realizada pelos institutos Data Favela e Locomotiva para a Comunidade Door, moradores de favelas movimentam R\$ 119,8 bilhões por ano, mais que 20 estados do país. Mesmo com tal volume de dinheiro, as agências bancárias não estão presentes nas favelas; se estão, encerram as atividades. Foi o que ocorreu em 2017 na Rocinha, quando as agências da CEF e do Itaú fecharam as portas. No Complexo do Alemão, os moradores ficaram sem o ponto de atendimento do Bradesco, onde funcionavam os caixas eletrônicos.

Na Maré, apenas o Banco 24 Horas disponibiliza máquinas em seis pontos do comércio local. São dois na Praia de Ramos, um na Vila dos Pinheiros, um no Morro do Timbau e dois na Avenida Brasil, na proximidade da Nova Holanda. Até o mês de setembro, apenas a Loteria Alvorada, localizada na Rua



Apesar de a periferia movimentar quase R\$ 120 bilhões por ano, nas favelas não há agências bancárias; a solução é usar as lotéricas, como na Maré

Teixeira Ribeiro, aceitava o pagamento de contas, o que causava longas filas. A Sorte da Vila é a segunda lotérica da Maré, localizada na Vila do João. “Ter uma agência lotérica perto de casa é show de bola. É algo que já deveria ter acontecido há muito tempo. A loteria vem suprir a falta de uma agência, disponibilizando alguns serviços bancários”, diz **Edicarlo Cesar**, morador da Vila do João.

O local da loteria fica onde se encontrava um posto policial desativado. **Valtemir Messias**, conhecido como Índio, presidente da Associação

de Moradores da Vila do João, explica que o lugar foi cedido pelo governo do Estado. “A pessoa não precisa mais ir até Bonsucesso para resolver questões financeiras. Estamos lutando desde 2017 para conseguir essa facilidade, em especial para o idoso, que não vai precisar se locomover para fora da sua comunidade. Em breve, teremos também a entrada do Banco 24 horas na Vila do João. São melhorias que revertem em empregos e mais opções de serviços”, diz.

Idosos x tecnologia

O problema é que poucos idosos se aventuram a usar os caixas eletrônicos. **Claudete da Silva Barbosa**, moradora da Nova Holanda, diz que sua mãe, de 73 anos, é um deles, resistente ao equipamento. “É uma dificuldade para o idoso lidar com a tecnologia como a dos caixas eletrônicos. Minha mãe não tem leitura, o que é uma barreira. O que facilitaria é se ela tivesse conhecimento de números. Eu e minha irmã é que resolvemos essas questões financeiras, como pensão e pagamento de contas. Hoje é muito bom a facilidade dos aplicativos de banco”, diz.

O relato dela retrata o analfabetismo digital — quando uma pessoa não sabe como funcionam smartphones, computadores e internet. “Minha mãe tinha um celular, mas de três anos para cá percebemos o distanciamento do aparelho. Agora ela só usa o telefone



Como moradores muitas vezes não têm para onde correr, é comum que filas enormes se formem nas casas lotéricas do conjunto de favelas

fixo. A tecnologia ajuda muito, mas alguns idosos não sabem lidar. No caixa eletrônico eles pedem ajuda, mas tem pessoas mal-intencionadas, o que traz preocupação”, conta Claudete. Ela pede que os bancos olhem com mais atenção para os idosos: “Na maior parte das vezes eles têm dificuldades em lidar com os computadores. É preciso mais profissionais para esse segmento de clientes. Que eles atendam bem e com paciência. Todos nós vamos ser idosos um dia.”

O artigo *O Indivíduo Idoso e o Caixa Eletrônico*, dos pesquisadores Milena Viana, Lívia Flávia e André Leonardo, da Universidade Federal do Maranhão, mostrou que os processos bancários incorporaram novas tecnologias, como os caixas eletrônicos, que se traduziram em mais agilidade e rapidez nos processos, mas deixando de fora os usuários idosos. O estudo mostra que 75% dos clientes gostariam que fossem criados caixas eletrônicos especiais para a clientela mais velha, já que a maioria se sente nervosa ao acessar o autoatendimento, pedindo a ajuda de funcionários da agência.

Tramita na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 4132/20, que obriga as agências bancárias de todo o Brasil a disponibilizar caixas eletrônicos com sistema de identificação de clientes que não seja somente a biometria. O objetivo é facilitar a vida principalmente de correntistas idosos, já que a perda das impressões digitais é uma das consequências do envelhecimento.

Bancos avaliam sucesso nas transações virtuais

A Federação Brasileira de Bancos (Febraban) informou que a decisão de abrir ou fechar um posto de atendimento é tomada por cada banco, com base na respectiva estratégia de



Matheus Affonso

No conjunto de favelas da Maré, apenas o Banco 24 Horas disponibiliza máquinas em seis pontos do comércio local

negócio. De acordo com a última edição da *Pesquisa Febraban de Tecnologia Bancária*, o número de agências em operação no Brasil tem se mantido estável ao longo dos últimos anos. Na comparação entre 2019 e 2020, último dado disponível do levantamento, o número de postos de atendimento variou de 38,2 mil para 38,1 mil.

A Febraban alegou que os bancos estão adequando suas estruturas à nova realidade do mercado, na qual a utilização dos canais digitais de atendimento vem ganhando espaço em detrimento dos canais físicos e presenciais. Em 2020, das 103,5 bilhões de transações dentro do setor bancário, 67% foram realizadas por meio do celular ou da internet, demonstrando o elevado grau de digitalização dos usuários (as agências bancárias foram responsáveis por apenas 3% das transações em 2020).

Segundo a entidade, praticamente todas as operações bancárias hoje (como pagamento de contas e transferência de valores) podem ser feitas de forma eletrônica.

O subcoordenador do Núcleo de Defesa do Consumidor da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, **Thiago Basilio**, disse que são dois os maiores problemas em relação aos bancos: fraudes bancárias e tratamento ao indivíduo. No primeiro caso são vítimas que, na maioria das vezes, foram enganadas por pessoas que se dizem funcionários dos bancos em frente a caixas eletrônicos: “A pandemia dificultou a entrada das pessoas nas agências, mas o idoso se necessário precisa ter esse acesso. Se desejar utilizar o caixa eletrônico precisa ter a certeza que a pessoa que se disponibiliza a ajudá-lo é mesmo funcionário do banco.”

Sobre a segunda ocorrência, ele explica que o idoso não deve aceitar empréstimos por meio de caixas eletrônicos, aplicativos e telefone. “A Lei 14.181/21 protege o consumidor, com a indicação de que todo empréstimo necessita de pelo menos dois dias de reflexão. O ideal é que o consumidor tenha a chance de avaliar as propostas de outras instituições financeiras. Quando o idoso faz o empréstimo na boca do caixa, não tem a chance de tirar dúvidas e, principalmente, saber a taxa de juros. Os bancos oferecem facilidades mas, ao mesmo tempo, reduziram os cuidados. Todos precisam ter atenção também com propagandas enganosas, como o oferecimento de empréstimos a negativados”, orienta. Basílio aconselha os que se sintam vítimas a procurarem o Serviço de Proteção ao Consumidor/Procon (<http://www.procon.rj.gov.br/>) ou a Defensoria Pública (<https://defensoria.rj.def.br/>).



Matheus Affonso

São dois caixas 24 horas na Praia de Ramos, um na Vila dos Pinheiros, um no Morro do Timbau e dois na Avenida Brasil (um deles na foto)

Será que eu existo?

Invisibilidade social de brasileiros sem nenhum documento foi o tema do Exame Nacional do Ensino Médio 2021



MATHEUS AFFONSO

Jéssica Farias teve medo de não conseguir ajuda médica ao ser contaminada pela covid-19 por conta da sua invisibilidade como cidadã

EDU CARVALHO

Jéssica Farias, de 31 anos, moradora da Nova Holanda, vive sem existir como cidadã por não ter quaisquer documentos — certidão de nascimento, CPF ou identidade. Ela é apenas uma entre três milhões de brasileiros que vivem na mesma situação, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). “É muito difícil você fazer as coisas sem documento. Faz muita, muita, muita falta”, lamenta ela, que recentemente conseguiu um emprego. Jéssica cria, sozinha, quatro filhos — felizmente todos possuem documentação.

No ano passado, quando teve covid-19, ela teve medo de não conseguir ajuda médica por conta da sua invisibilidade como cidadã. “Foi complicado, porque eu não podia

fazer o teste direto, precisava me cadastrar antes. Meu vizinho foi quem conseguiu, junto à Redes da Maré, me encaixar. Se fosse pra resolver sozinha, não conseguiria”, conta. O maior esforço de Jéssica é fazer com que os filhos tenham acesso a direitos básicos, e para isso, documentos são essenciais. “É muito importante ser reconhecido.”

O vizinho a quem Jéssica se refere estava à distância de uma parede: **Matheus Affonso**, de 24 anos, vê todo o esforço da amiga para conseguir seus documentos. Ele conta que sua vida teria sido diferente se seu pai não insistisse para que ele tirasse todos os seus documentos o mais rapidamente possível. Fazer o último Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que teve como tema da reda-

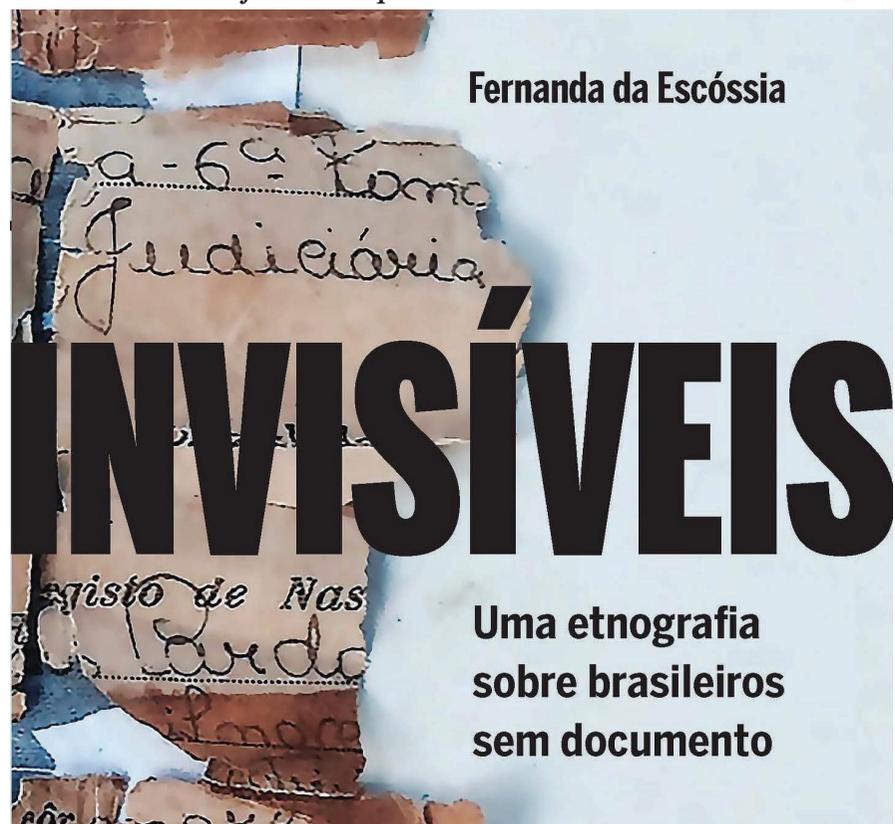
ção a questão da invisibilidade, foi que ampliou sua reflexão a respeito da importância dos registros que dão acesso aos direitos fundamentais no país.

“Tive uma família me apoiando para que eu tivesse documentos em dia”, conta o jovem, que

conhece a fundo muitas histórias sobre vidas sem cidadania por conta da falta de documentos, vividas bem no seio da Maré. Mas há grupos para os quais o foco de Matheus se volta com mais profundidade: mulheres, pessoas negras e LGBTQUIA+, cujas trajetórias são constantemente apagadas e que sofreram mais profundamente os efeitos da pandemia. “Na minha vida adulta, encontrar principalmente amigas travestis e transexuais sem documentos nem suporte familiar, e o quanto essa não existência tem relação com o fato de serem mulheres, mulheres negras, trans e faveladas, me impulsiona a garantir a cidadania destas pessoas”, explica Matheus.

Foi justamente a crise sanitária provocada pelo novo coronavírus que

Fernanda da Escóssia



No livro *Invisíveis* é traçado o perfil de quem vive fora das vistas do Estado

expôs o abismo entre quem tem e quem não tem o mínimo. Quem soube investigar e analisar o assunto foi a jornalista e professora **Fernanda da Escóssia**, cuja tese de doutorado deu origem ao livro *Invisíveis: uma etnografia sobre brasileiros sem documento* (Editora FGV, 2021). Nele, é traçado o perfil de quem vive fora das vistas do Estado. O livro fala da síndrome do balcão, a peregrinação dessas pessoas de guichê em guichê das repartições públicas, durante anos, sem conseguir atendimento.

“A pandemia explicitou todas as camadas da desigualdade: a pobreza, o racismo, o machismo estrutural, o acesso mais difícil dos mais pobres às políticas de saúde e educação”, aponta Fernanda, que também é editora da *Revista Piauí*. Para ela, o Estado deve ser responsável pela garantia de direitos.

O Maré de Notícias já havia se debruçado sobre o tema em setembro de 2021, quando o repórter Hélio Euclides entrevistou o economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Marcelo Neri sobre o percentual de brasileiros que não têm registro de nascimento: são cerca de 2,27 milhões (1,08% da população). “A falta de certidão de nascimento é apenas o caso mais extremo da ausência de um direito que repercute em outros, como o ingresso na escola, no mercado de trabalho e mesmo na assistência social. É preciso criar políticas que facilitem o acesso à documentação”, diz o economista.

Para quem não tem certidão de nascimento ou outros documentos, é possível recorrer à Justiça Itinerante, uma iniciativa do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Em um ônibus que circula pela cidade do Rio, cidadãos podem enfim dar entrada no pedido de documentos. O atendimento para quem mora na Maré é feito semanalmente, das 9h às 15h. Se você reside em outra região do Rio, visite o site da Justiça Itinerante (<http://www.tjrj.jus.br/web/guest/institucional/projetosespeciais/justicaitinerante>) ou ligue para (21) 3133-3468 ou 0800-285-2000 (Ouvidoria do Tribunal de Justiça).

COMO RETIRAR DOCUMENTOS:



Certidão de Nascimento

A primeira via é gratuita em qualquer cartório de registro civil com a identidade, CPF dos responsáveis ou certidão de nascimento ou casamento e a Declaração de Nascido Vivo (DN) da criança. Em Bonsucesso, o cartório fica na Avenida Guilherme Maxwell, 555.



Cadastro de Pessoas Físicas (CPF)

Emitido de graça pelo site da Receita Federal, tendo o título de eleitor em mãos. Dúvidas pelo e-mail atendimentorfb.07@rfb.gov.br.



Carteira de identidade

Necessário agendamento pelo site do Detran ou via teleatendimento 3460-4040 e 3460-4041. Os postos do Detran da Maré ficam na rua Principal, s/nº, Baixa do Sapateiro e na rua Teixeira Ribeiro, 629.



Carteira de Trabalho

Emitida pelo aplicativo Carteira de Trabalho Digital pelo celular ou pelo site www.gov.br.



Alistamento Militar

Todo jovem, no ano em que completar 18 anos, deverá agendar o alistamento no site <https://alistamento.eb.mil.br/> até seis meses após o aniversário. A Junta de Serviço Militar (JSM) mais próxima da Maré fica na X Região Administrativa – Rua Uranos, 1230, Ramos, e o atendimento acontece das 10h às 16h.



Isenção

Os Centros Comunitários de Defesa da Cidadania (CCDCs) oferecem isenção de taxas para casamento, 2ª via de certidões de nascimento, casamento, óbito e Registro Geral (RG). O CCDC Maré funciona na Rua Principal, s/nº, Baixa do Sapateiro, das 9h às 17h.

A Fundação Leão XIII também oferece isenção para documentação civil. Na Nova Holanda, o atendimento é feito de segunda a sexta, das 9h às 18h ou presencialmente na rua Sargento Silva Nunes, nº 1.012 ou pelo telefone 2334-7801. Na Praia de Ramos, a Fundação Leão XII fica na rua Gerson Ferreira, 06, Praia de Ramos, e o atendimento pode ser feito também pelo telefone 2334-7802.

A trilha do caminho para o futebol

Irmãos da Praia de Ramos rompem as barreiras e se tornam jogadores

HÉLIO EUCLIDES

Irmãos que fizeram da paixão pelo futebol meio de vida e de sucesso não é uma novidade: Kaká e Diggão, Sócrates e Raí, Alessandro e Richarlyson, Túlio Maravilha e Têlvio, Assis e Ronaldinho Gaúcho, Junior Baiano e Jorginho, e as três crias de Quintino: Zico, Edu e Antunes. **Marcos Oliveira** e **Marcelinho** são moradores da Praia de Ramos e seguem o mesmo caminho: além do parentesco, ambos têm no sangue o amor pelos gramados.

Segundo levantamento da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2016, mais de 80% dos jogadores no Brasil ganham menos do que um salário mínimo mensal. No topo da pirâmide de fama & fortuna, apenas 1,77% recebe entre R\$ 10 mil e R\$ 50



Marcelinho e Marcos Oliveira moram na Praia de Ramos e seguiram, cada um à sua maneira, o caminho da vida ligada à prática do futebol

mil. Apesar desse funil por que passam os aspirantes a jogador de futebol, os irmãos do Piscinão não desistiram do sonho. Marcos Oliveira, de 22 anos, começou no futebol de salão com apenas cinco anos, num projeto conhecido como

Time do Velho, migrando depois para a categoria de campo para, dois anos depois, defender as cores do Bonsucesso.

Ele chegou a jogar pelo Olaria, Santo Ângelo (Rio Grande do Sul) e pelo sueco Svesnka Palestinska. “Meu

irmão, que é três anos mais velho que eu, é um espelho para mim. Desde quando eu não tinha nem idade para jogar, já o acompanhava em todos os jogos e ficava na torcida. Sempre foi minha referência. Hoje ver meu irmão bem na modalidade é, com certeza, uma alegria”, diz Marcos

Em sua curta carreira, ele lembra que a vida de jogador tem altos e baixos. Marcos precisou desistir do sonho aos 21 anos por lesões que sofreu continuamente desde os 15 anos. Essas contusões o fizeram sair de três clubes e perder diversas oportunidades, como escolher entre voltar para Europa ou estudar e jogar nos Estados Unidos. Esses percalços deixaram frustrações no jogador. “Não foi fácil; infelizmente meu corpo não aguentava mais



Marcelinho defende as cores do Flamengo com a camisa 20 na categoria do Futebol 7, conhecida como society

tantas lesões. A vida de um jogador de futebol em 98% das vezes é bem cruel, por lidar com frustrações, saudades, lesões, mentiras e até as covardias que acontecem nos bastidores. As pessoas acham que é uma vida dos sonhos, mas a realidade é que essa é a vida só de 2% dos jogadores profissionais”, diz o ex-jogador.

Como todo menino, Marcos foi um apaixonado pela bola e sempre quis ser jogador de futebol. Ele conta que o principal motivo foi dar uma vida melhor aos pais: “Futebol sempre foi e sempre vai ser a paixão da favela, e até mesmo um caminho para poder buscar um futuro melhor.” Ele acredita que é preciso não deixar o sonho morrer. “Para a criança que está começando, eu diria que, mesmo com todas as dificuldades, sejam físicas ou emocionais, é preciso sempre correr atrás e insistir, porque uma hora a oportunidade aparece, e a gente precisa estar preparado.”

Ele lembra que “também é preciso valorizar e investir mais nas crianças da favela. Não tenham dúvidas que os maiores talentos estão nas periferias”. Seu próximo passo será estudar bastante sobre futebol e futuramente viver do esporte mas fora dos campos.

Apoio primordial

Os irmãos contam que sempre foi um orgulho para os parentes ter dois jogadores na família, e que tudo só foi possível graças ao incentivo e acompanhamento, tanto nas fases boas quanto nas ruins. “O apoio da família é essencial para as crianças que estão começando”, ressalta Marcello Junior, conhecido como Marcelinho, que joga como ala direito. Ele defende as cores do Flamengo com a camisa 20 na categoria do Futebol 7, modalidade também conhecida como fut7 ou society: em campo, são sete jogadores de cada lado e dois árbitros.



Marcos Oliveira sofreu lesões que acabaram por afastá-lo do futebol, mas ele ainda pretende viver do esporte, dessa vez fora do campo

Como seu irmão, ele começou aos cinco anos, num projeto social da Praia de Ramos. No mesmo ano, fez um teste e foi aprovado para jogar no Vasco. Ainda no futebol de salão, passou pelo Flamengo, pela Casa de España/Botafogo e pelo Mackenzie. Com 17 anos, já no futebol de campo, jogou no Olaria e num projeto da Nike, que rendeu a ele uma viagem à Inglaterra. De volta ao Brasil, estabeleceu-se no fut7, passando pelo Vasco antes de se estabelecer no rubro-negro carioca. Ele espera que a modalidade cresça, ganhe mais visibilidade e, por cont disso, capte mais investimentos.

“É muito bom saber que meu irmão faz a mesma coisa que eu; às vezes, até jogamos junto. Tento ser um exemplo para ele e para as crianças que gostam de mim e de me ver jogar. Futebol é alegria; sempre que tem alguém da comunidade em campo quase todos param para assistir, seja os jogos do Flamengo, por causa do João Gomes, ou o Everton da Inglaterra para ver o Allan Marques. No Flamengo fut7, uma galera acompanha por minha causa e por causa do Jeffinho e do Sidney, todos da comunidade”, diz. Para ele, o Piscinão é um verdadeiro celeiro de craques.

Como o irmão, ele ensina que a trajetória de um jogador é difícil.

No caso dele, lembra que perdeu parte da infância para conseguir dividir-se entre os estudos e o futebol. Outra barreira é ser um jogador de favela, pois esbarra no preconceito. Para quem está começando, Marcelinho diz que é preciso superar esse obstáculo e concentrar-se no futebol, para viver do esporte: “É preciso treinar muito, porque o esforço vence o talento, sempre que o talento não se esforça.”

A mãe dos dois meninos, **Valdirene Militão**, é moradora da Roquete Pinto e diz que tem muito orgulho do caminho que os filhos seguiram. Mas acrescenta que não foi fácil, especialmente por ser uma mãe moradora de favela que precisou arranjar dinheiro para a alimentação e as passagens dos atletas. “Hoje sou feliz com o resultado. Muitas crianças que se espelham neles não por serem bons atletas, mas por terem se tornado grandes homens, responsáveis. O futebol vai além de transformar alguém em um Neymar; é preciso ter estudo, disciplina e dedicação. O que falta no mundo do futebol é mais oportunidades para as meninas da favela, que precisam ser apoiadas”, afirma. Ela conta que a filha não se tornou atleta, mas que o orgulho é igual: a primogênita Juliana Militão cursa nutrição.

Delícias que cabem no bolso

DISCO DE CREPIOCA

INGREDIENTES:

- 1 ovo
- 2 colheres (sopa) de tapioca
- 1 colher (sopa) requeijão
- 1 pitada de sal



MODO DE PREPARO:

Junte todos os ingredientes em um prato e misture-os até formar uma massa homogênea. Aqueça levemente uma frigideira (não acrescente nenhuma gordura, como óleo, azeite ou manteiga) e despeje nela a massa, dourando os dois lados do disco (se quiser apressar o cozimento, tampe a frigideira). Depois de pronta, recheie sua crepioca a gosto.

RENDIMENTO:

Uma porção.

A receita de crepioca é mais um oferecimento do Maré de Sabores e você pode pedir na sua casa.

Para conferir as informações da loja online, inclusive o cardápio, é só acessar o link na bio do Instagram @maredesabores.

PALAVRAS CRUZADAS

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Evento frequentemente animado por palhaços	Doutrina religiosa com poucos adeptos	Grande felino machado (pl.) chuan, arte	Ferozes (fem.) (?) chi marcial	Esubalhados (os olhos) (?) Pitanguy, cirurgião	Sequela do dedal
A feira que reúne ocultistas e astrólogos					
Efeito de câmeras			Garantia de pagamento Botão da filmadora		
Professora (inf.)			Rebelião armada Instrumento agrícola		
Mecanismo de controle em metrô					
				"Tropa de (?)", filme de José Padilha	
			Representante oficial do povo (fem.)		Prática que irrita o iconoclasta
Peregrino;romeiro	Apelido de Samanta			Flor-de-(?), símbolo do Escotismo	
A chave para os sons graves (Mús.)	Atitude; ação	(?) Brazil, radialista e repórter			Engenhos reparados por astronautas
		Pautada			
Instituições onde se abrigam e educam menores			Região Administrativa (sigla)	Terceira pessoa do discurso (fem.)	
Herói do Dilúvio (Bíblia)	Unidade de ângulos				"(?) tu, Brutus", frase de César
	Urso, em inglês				
Matéria-prima para a produção de tecidos			Erico Veríssimo, romancista brasileiro	Arte, em inglês Digráfico de "urro"	
(?) T, estilista e modelo					Internet Explorer (sigla)
Verbo associado ao adesivo					
Período de criação da CLT e do salário-mínimo (BR)					

BANCO 2/1a, 3/art. 4/bear, 5/séplia, 6/viador.

68

MARÉ DE DIREITOS

Atendimento gratuito com advogadas, psicólogas e assistentes sociais

Você também pode ter acesso ao atendimento do Maré de Direitos online, pelo nosso WhatsApp.



- Vila dos Pinheiros:** Quintas-feiras, de 13h às 17h
Redes da Maré Pinheiro
Via A1 s/nº - anexo do CIEP Ministro Gustavo Capanema
- Nova Maré:** Quintas-feiras, de 9h às 12h
Lona Cultural Municipal Herbert Vianna - Rua Evanildo Alves, s/nº
- Nova Holanda:** Sextas-feiras, de 9h às 13h
Redes da Maré Nova Holanda
Rua Sargento Silva Nunes, 1012
- Parque União:** Sábados, de 9h às 13h
Casa das Mulheres da Maré [apenas mulheres]
Rua da Paz, 42

(21) 99924-6462

www.redesdamare.org.br

Amy Winehouse:
Um dos maiores fenômenos musicais do século XXI.

Disponível nas livrarias!

@editoraagir

Solução

S	V	G	R	V	A	V	E	R	E
E	I	R	R	E	A	D	E	A	D
T	R	A	V	A	V	L	E	A	V
'I	R	A	T	E	X	T	E	F	I
E	A	U	V	A	G	T			
V	E	L	D	O	N	E			
S	O	T	R	O	N	O	P		
A	I	D	V	A	V	F	A		
S	I	L	W	S	S	N			
O	E	S	0	V	A	V	A		
D	O	V	A	C	A	V	C		
V	I	T	O	V	A	V	I		
T	V	A	V	V	V	P	E		
I	C	I	C	A	T	E	R		
S									

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

(21) 97271-9410